

# A caixa de Pandora

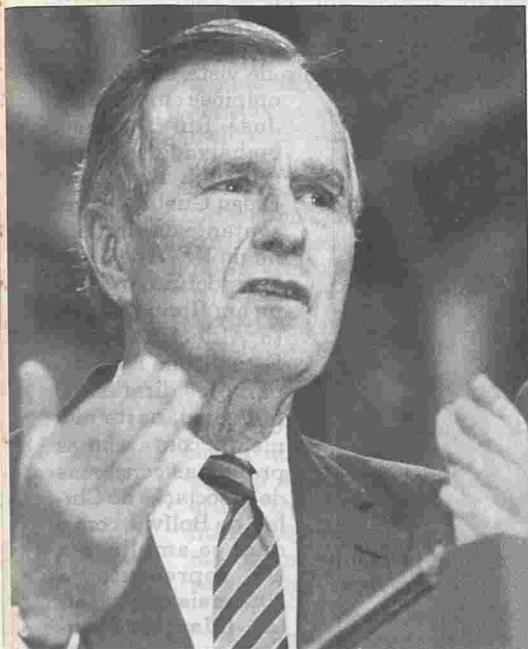
*A Guerra Fria terminou e os Estados Unidos emergem como o árbitro do planeta. Mas no mundo atual há mais caos que paz e parece que não há lugar para a esperança*

**Roberto Bardini**

**G**eorge Kennan, ex-embaixador dos Estados Unidos na União Soviética afirmou em 1948: "Temos que prescindir de sentimentalismos e concentrar nossa atenção em nossos interesses no exterior. Não podemos nos permitir altruísmos e atos de beneficência mundial. Devemos deixar de falar de objetivos vagos e irrealis, como direitos humanos, melhoria do nível de vida e democratização."

Poderiam ser citados muitos exemplos neste estilo, mas há um que resulta especialmente eloqüente. Em 1935, o major general Smedley D. Butler, comandante dos *marines*, pronunciou um memorável discurso no Congresso dos Estados Unidos:

"Servi durante trinta anos e quatro meses na unidade mais combativa das Forças Armadas norte-americanas: na infantaria da Marinha. Durante todo esse tempo, tenho o sentimento de ter atuado como um bandido altamente qualificado a serviço dos grandes negócios de Wall Street e seus banqueiros. Fui premiado com honras, medalhas e promoções. Mas quando olho para trás, considero que poderia ter dado algumas sugestões a Al Capone. Ele, como gângster, atuou em três distritos de uma cidade. Eu, como *marine*, atuei em três continentes."



Bush: uma Nova Ordem Internacional antiga

**Em busca de sócios** – O conjunto destas concepções foi resumido pelo ex-presidente George Bush, depois do colapso do comunismo na URSS e da queda do Muro de Berlim, sob a denominação de Nova Ordem Internacional. Em 2 de março de 1991, quando terminava a operação "Tormenta no deserto" e o Iraque sucumbia sob toneladas de bombas, Bush assegurava exultante: "A Nova Ordem

Internacional passou por sua primeira prova e o espectro do Vietnã foi sepultado para sempre nas areias." E quinze dias depois, reiterava: "Os Estados Unidos se libertaram de seus antigos fantasmas e restabeleceram seus velhos sonhos."

Depois da Guerra do Golfo, no entanto, os políticos e os militares norte-americanos se convenceram de que já não podiam iniciar solitariamente aventuras como o bombardeio à Líbia (1986) ou as invasões a Granada (1983) e Panamá (1989). Agora necessitavam, pelo menos, do consenso de seus aliados na Europa e na Organização das Nações Unidas.

Por essas razões, o ex-secretário de Estado, Henry Kissinger, advertiu: "A responsabilidade pela segurança internacional é muito grande e o mundo demasiado complexo para que os Estados Unidos fiquem com toda essa responsabilidade nas costas. Washington não pode cumprir sozinho o papel de polícia da Terra."

Em fevereiro de 1993, quando Bill Clinton completava três semanas na Casa Branca, o analista em assuntos militares William D. Hartung, do World Policy Institute, escreveu: "Clinton é o comandante-em-chefe das Forças Armadas dos Estados Unidos. A boa notícia é que ainda não começou novas guerras. A má é que nem o presidente nem seus assessores abandonaram a mentalidade de Guerra Fria que fez deste país o poder intervencionista mais agressivo do pós-guerra."

As "boas notícias" a que Hartung se referia terminaram na madrugada de 12 de junho de 1993, quando aviões de artilharia AC-130, helicópteros Cobra e uma força de intervenção rápida de 1.200 homens iniciaram uma ação militar contra a guerrilha somali em represália à morte de 23 "capacetes azuis" (soldados a serviço da ONU). Em vez de "debutar" na cena internacional com uma intervenção na ex-Iugoslávia para deter o genocídio ou no Haiti para restabelecer a democracia, Clinton preferiu "estrear" em um distante país africano.

**Gatilho rápido** – Em 1992, na Bósnia-Herzegovina, morreram assassinadas 130 mil pessoas e 2 milhões de pessoas foram obrigadas a deixar seus locais de origem. Ainda como saldo da guerra, 250 mil casas ficaram destruídas, 70 mil civis foram enviados para campos de concentração e 20 mil mulheres foram violadas, num processo de "limpeza étnica". Hoje, quando o exército sérvio controla 70% do território bósnio, esses números aumentaram

dramaticamente. Em meados de abril de 1993, o semanário *Newsweek* afirmou: "O Ocidente simplesmente cruzou os braços."

De 1945 a 1992 se registraram em diversas regiões do planeta cerca de 100 conflitos nos quais participou – precisamente para evitá-los – a ONU. Calcula-se que, no total, perderam a vida aproximadamente vinte milhões de pessoas, sem que a organização nada pudesse fazer.

Em 11 de junho de 1993, poucas horas antes da intervenção na Somália, o secretário geral da ONU, Boutros Ghali, declarou que a organização havia gasto em 1992 mais de 3 bilhões de dólares – três vezes mais que todas as cifras anteriores em operações de manutenção da paz. Também lembrou que, só nos últimos quatro anos, a ONU havia sido responsável por tantas operações de paz quanto as realizadas nas quatro décadas anteriores. Não obstante, desde os Balcãs até a África, passando pelo Sudeste asiático e o Caribe, as forças de paz são alvo de críticas por sua incapacidade de impedir massacres e restabelecer a ordem.

Pela primeira vez na história da ONU, em 12 de junho de 1993, os capacetes azuis norte-americanos enviados para a Somália abriram fogo contra uma multidão de civis nas ruas de Mogadíscio e causaram 14 mortes.

Dois dias depois do massacre, o jornalista Michael Gordon, do *The New York Times*, se perguntava: "A ação militar na Somália conduzirá a uma doutrina mais enérgica para as operações pacificadoras em outros locais de conflitos? Ou significa que os pacificadores estão preparados para empreender uma ação militar decisiva só quando o adversário é uma multidão inofensiva, e que Washington e seus aliados continuarão 'se curvando' diante dos desafios mais difíceis, como sufocar a luta na Bósnia?"

**A caixa de Pandora** – Segundo a mitologia grega, Atenea, a deusa da sabedoria, dotou Pandora de todos os dons, e Zeus lhe deu de presente uma caixa onde estavam encerradas todas as coisas boas e ruins da Humanidade. Epimeteo, o primeiro homem, abriu a caixa e seu conteúdo se espalhou pelo mundo. A única coisa que ficou na caixa foi a Esperança.

A meados deste ano, Noam Chomsky, um dos maiores intelectuais norte-americanos, fez uma conferência em Londres onde resumiu ironicamente as mudanças operadas neste século que está concluindo: "Existe uma idéia generalizada sobre a era na qual estamos entrando: que os *bons* ganharam o duelo da Guerra Fria e agora cavalgam firmes sobre seus cavalos. Pode ser que ainda restem alguns obstáculos pela frente, mas nada que eles não possam superar. Vão se distanciando rumo ao poente, trilhando o caminho que levará a um futuro brilhante, baseado nos ideais que sempre brandiram mas poucas vezes foram capazes de proteger: democracia e direitos humanos."



Clinton: dominado pela mentalidade da Guerra Fria

Com o final da Guerra Fria e a queda do comunismo, se abriu uma pavorosa caixa de Pandora no mundo, cujo conteúdo pôs em xeque as potências ocidentais e ex-comunistas: guerras regionais, separatismos, ódios étnicos, fundamentalismos religiosos e ações terroristas.

O escritor inglês John Le Carré, autor de numerosos *best sellers* de espionagem, descreve um mundo que veio abaixo e outro que emerge – e que não necessariamente é melhor – da seguinte maneira:

"A Guerra Fria terminou, mas não lembro de ter visto ninguém cantando nas ruas. Estamos muito cansados de cantar? Ou muito deslumbrados pelo nosso destino? Ou muito tristes pelo caos que enfrentamos?"

Ele prossegue: "Há alguns anos quando um país distante era ameaçado pelo comunismo, corríamos em seu socorro. Seu problema era nosso problema. Fizemos heróis adiantados títeres, que não teríamos nos atrevido a convidar nem para tomar um cafezinho na porta de nossa casa. Agora, quando um país não tão distante se debate em uma guerra civil e uma de suas minorias étnicas é torturada, violada e assassinada diante dos nossos olhos, nossos políticos nos dizem para não reagirmos de forma emocional. Afinal, o que significa um pouco de limpeza étnica entre velhos inimigos?"

"Os Estados Unidos não só são o árbitro do mundo como, depois da Guerra Fria, seu salvador. E o que vemos no sombrio mundo de agora é mais caos que paz", analisa o escritor. ■